

A Revista «Anhembi» e os Achincalhes a Professores da Faculdade de Filosofia da U. do Pr.

É incrível que uma revista como “Anhembi”, que se preza e faz praça de ser cultural, haja perdido a tramontana numa fieira de insultos os mais repugnantes e nojentos a professores de nossa Faculdade de Filosofia.

Longe de discutir casos em atmosfera límpida e arejada, como convém a homens de responsabilidades, esse periódico, insana e desmedidamente “tomou assinatura” gratuita contra o Diretor da Faculdade de Filosofia e contra os professores que, corajosamente, lhe hipotecaram solidariedade ante as diatribes, calúnias e infâmias assacadas à sua direção, à Faculdade de Filosofia e à Universidade do Paraná.

São de tal natureza as assacadilhas que já exorbitam, atingindo o terreno pessoal, ofendendo a idoneidade, a dignidade, a honra de colegas, dos que fazem a vida magisterial um verdadeiro sacerdócio.

As agressões transmitidas por essa revista e também pela imprensa diária trazem, infelizmente, a indelével chancela da covardia que é o anonimato.

Todavia, como nos sussurreia aos ouvidos o ditado popular latino — “cauda de vulpe testatur” — não é difícil delinear a sua silhueta, a fim de que os bons entendedores, aos quais meia palavra basta, entrevejam quem é esse elemento petulante e orgulhoso, soberbo, muito ambicioso e não menos supinamente vaidoso que, como locutor de uma nova emissora, irradia para “Anhembi” e imprensa expressões asquerosas, próprias da vida de sarjeta, indignas de membro de estabelecimento superior ou ocupante de cargo de não menor respeitabilidade.

Vamos dar uma pincelada para se ter idéia desse doutor, pseudoprofessor, o qual não entrou para a Faculdade de Filosofia com a cabeça erguida como dá a entender o seu atrevimento.

Da Europa, onde cursou determinada especialidade, chegou aqui feito professor de disciplina que, naquele curso, só lhe servia de meio e não de fim. Desgraçadamente, vaga a cátedra, o ádvena tomou conta da mesma, como outrora ocupara, internamente, outra, de matéria completamente diferente. É o homem para qualquer vaga, infelizmente muito comum em nosso Brasil

Não parou aí a sua ousadia; queria garantir-se eternamente. Prestou, pois, concurso. Conseguiu, por ser muito esperto e ladino, conseguiu encomendar uma banca examinadora a seu bel-prazer — cinco amigos — dos quais dois especialistas e três não especialistas, professores de disciplinas diversas, e, dentre estes, um amigalhão do peito.

Embora a cátedra que ia concorrer (infelizmente foi ele o candidato único!) compreenda duas disciplinas afins, conseguiu outra maravilha para facilitar e favorecer a sua aprovação, isto é, a organização de pontos exclusivamente de uma só das disciplinas, justamente a mais fácil, aquela que depende quase exclusivamente da memória. E o rapaz foi aprovado!

Diz-se, à boca pequena, que a tese apresentada foi feita em colaboração com uma conhecida e ilustre personagem do nosso ensino secundário, por isto, agora, vota-lhe ódio descomunal.

É claro que na prova de títulos só apresentou documentos estranhos à matéria, e é sintomático que os livros que até agora deu à luz, são de outra natureza.

Em vista de tudo isto, não é para admirar as batatadas (com perdão do modismo popular) que tem soltado em suas aulas e que tem sido muito comentadas no meio dos alunos, os temíveis juízes do magistério.

Há outras facetas de sua vida professoral que serão focalizadas em outra oportunidade e que indicarão como é daninho esse “enfant terrible”!

Quem diz o que quer,...

R. F. MANSUR GUÉRIOS